

**Estereótipos de gênero e currículos ocultos
na educação francesa:
Uma revisão bibliográfica sobre desigualdades veladas¹**

Jacques Gleyse 

Université de Montpellier, Montpellier, França

Resumo

O artigo apresenta uma revisão bibliográfica ampla e alguns estudos especializados e originais sobre o tema da igualdade de gênero nas escolas francesas. Inicialmente, propõe-se uma delimitação teórica dos conceitos de gênero e sexo através dos papéis de gênero. Em seguida, após uma breve análise histórica, mostra-se como o sistema de coeducação introduzido em 1976 em todas as escolas francesas não corresponde à igualdade de oportunidades ou de tratamento para meninas e meninos. Os preconceitos e estereótipos de gênero ainda estão muito presentes. De forma sintética, apontam-se facetas desses estereótipos nos diferentes níveis de escolaridade e na maioria das disciplinas, explorando inclusive questões como a transgressão das regras escolares e a punição.

Palavras-chave

Gênero. Igualdade. Meninas-Meninos. Escola. Ensino.

**Stéréotypes de genre et programmes cachés d'éducation dans l'enseignement
en France. Une revue de littérature sur les inégalités occultées.**

Résumé

L'article proposé est constitué d'une revue de littérature générale et quelques études spécifiques et originales sur la question de l'égalité filles-garçons à l'école en France. Il propose une délimitation théorique des concepts de genre et de sexe au travers notamment des rôles sexués. Ensuite, après un parcours historique assez rapide, il montre comment la mixité mise en place en 1976 dans tous les établissements scolaires français, ne correspond pas du tout à l'égalité des chances ni à l'égalité de traitement des élèves filles et des élèves garçons. Les préjugés et stéréotypes de genre reste très nombreux dans les écoles de ce pays. L'article en montre de manière résumé certaines facettes à différents niveaux de

¹ Tradução: Avelino Aldo de Lima Neto e Maria Carolina Xavier da Costa. Revisão: Cláudia Emília Aguiar Moraes.



la scolarité et dans la plupart des matières mais aussi au travers de question par exemple, de la transgression des règles scolaires et des punitions.

Mots-clés

Genre. Egalité. Filles-garçons. Ecole. Enseignement.

Equality between girls and boys in education in France.

Gender stereotypes and hidden education programs.

Abstract

The proposed article consists of a review of general literature and some specific and original studies on the issue of gender equality at school in France. It proposes a theoretical delimitation of the concepts of gender and sex, in particular through gender roles. Then, after a fairly rapid historical overview, it shows how the co-educational system introduced in 1976 in all French schools does not correspond at all to equal opportunities or equal treatment of girls and boys. Gender prejudices and stereotypes are still very numerous in schools in this country. The article summarizes some facets of these prejudices and stereotypes at different levels of schooling and in most subjects, but also through issues such as the transgression of school rules and punishments.

Keywords

Gender. Equality. Girl-boy. School. Education.

1 Introdução

A coeducação é uma realidade desde 1976 juntamente com os decretos de implementação da lei Haby. No entanto, esse contexto não significou necessariamente a igualdade de tratamento e de importância para ambos os sexos.

Se há cerca de quarenta anos os meninos dominavam amplamente o espaço e as posições escolares, hoje a situação alterou-se significativamente. As meninas ultrapassam em aproximadamente setenta mil os meninos no número de diplomas de ensino médio obtidos, e tendem a tornar-se melhores que eles na maioria das disciplinas escolares. Mesmo assim, nas pesquisas da PISA² (2018)³, aos 15 anos de idade as meninas mostram

² Nota dos Tradutores: Programa Internacional de Avaliação de Alunos.

³ Disponível em: [https://www.oecd.org/pisa/PISA2018%20 Resumés I-II-III.pdf](https://www.oecd.org/pisa/PISA2018%20Resumés-I-II-III.pdf) .



que estão um ano à frente dos meninos em leitura, mas essa diferença tende a aumentar inversamente em matemática, disciplina na qual eles estão três meses à frente. E essa lacuna só diminui muito lentamente. Por outro lado, todas as pesquisas PISA, desde a sua criação nos anos 2000, mostram que as meninas são mais “escolares” do que os meninos. A coeducação em todos os casos não é, portanto, igualdade de sucesso.

Enquanto as meninas estão se saindo cada vez melhores na escola e os meninos cada vez menos, as posições sociais resultantes na vida adulta são praticamente o inverso. Ao sair da escola, os salários de tempo integral das mulheres são 16,7% inferiores aos dos homens (e 31% inferiores nos salários de tempo parcial, e portanto 25% em equivalente a tempo integral).⁴ Existe, sobretudo, um “teto de vidro” (BUSCATTO; MARRY, 2009) que impede as mulheres de atingir os cargos mais prestigiosos da sociedade, como os conselhos de administração das maiores empresas privadas ou públicas ou mesmo dos órgãos governamentais das administrações públicas (por exemplo, carreiras universitárias científicas ou médicas) e, evidentemente, na esfera política.

Provavelmente, seria possível atribuir isto às inclinações naturais. Mas o trabalho nas Ciências Humanas e Sociais e nas Ciências da Educação leva a uma conclusão completamente diferente: os fatores culturais são as explicações predominantes para as desigualdades de tratamento. Isso foi demonstrado durante várias décadas na França (BELOTTI, 1974; MOSCONI, 1989; DURU-BELLAT, 1990; BOURDIEU, 1999). No Brasil e alhures (RODRIGUEZ, 2020; CAMPONAR e outros, 2020; SOUZA RIOS, DE MELO CARDOSO; FERREIRA DIAS, 2018), também existem muitos estudos de longa data, contudo este não é o objeto deste artigo.

Assim, podemos imaginar que, se os elementos socioculturais desempenham um papel nesse processo, a escola pode provavelmente participar, tal como a educação parental, na criação de uma desigualdade entre meninas e meninos, uma desigualdade

⁴ Sobre esse assunto, cf. <https://www.inegalites.fr/Les-inegalites-de-salaires-entre-les-femmes-et-les-hommes-etat-des-lieux> .

que certamente deve ser uma desigualdade de tratamento. Isto é conhecido como o *hide curriculum* e pode ser traduzido como *currículo oculto*. Voltaremos a esse assunto mais adiante.

2 Gênero e sexo: abordagem epistemológica e metodológica

Deve ser explicado imediatamente, antes de abordar a questão do gênero na escola, que o sexo é natural e biológico, ao passo que o gênero é social, cultural e histórico. Esses dois elementos obviamente têm implicações em termos de comportamento e psicologia individual.

Em qualquer caso, nasce-se macho ou fêmea. Essa dicotomia é compartilhada por muitas espécies animais. Em outras palavras, para os seres humanos, somos dotados de um vigésimo terceiro par de cromossomos XX (feminino) ou XY (masculino), que geralmente determinam o sexo de um indivíduo. As fêmeas são dotadas de vagina, útero, trompas, ovários, vulva e clítoris, os machos de testículos e pênis. Há, entretanto, um número muito pequeno de pessoas intersexuais (cerca de uma em um milhão na França) cujo sexo não pode ser claramente identificado ao nascimento, seja por causa de uma indefinição dos atributos sexuais aparentes, seja por causa de uma incongruência entre os órgãos sexuais e a herança genética.

O gênero corresponde ao feminino e ao masculino. É diferente de acordo com as sociedades e épocas. É evidentemente cultural. Na psicologia social existem escalas de masculinidade e feminilidade que, embora há muito tempo sejam opostas ou inversamente dinâmicas, parecem ser cada vez mais consideradas cumulativas (*Bem Sex Role Inventory*, BEM, 1974). Em outras palavras, pode-se ser muito feminino e muito masculino na mesma escala ou pouco feminino e pouco masculino. Isso significa que estes componentes não são mais considerados exclusivos ou antagônicos. Em geral, no entanto, é possível identificar socialmente o que é conhecido como estereótipos sociais de gênero. Williams John E. e Susan M. Bennett em um artigo de 1975, *Sex Roles: "The*

definition of sex stereotypes via the adjective check list", (WILLIAMS; BENNETT, 1975) listaram os qualificativos mais frequentemente atribuídos a homens e mulheres com um significado pertinente, embora realizados em uma amostra restrita. As duas tabelas abaixo descrevem esses estereótipos:

Quadro 1 – Estereótipos para os homens.

Afirmativo	Desordeiro	Independente	
Agressivo	Dominante	inabalável	
Ambicioso	Elegante	Lógico	
Autocrático	Resistente	Masculino	
Aventureiro	Enérgico	Racional	
Barulhento	Alegre	Realista	
Audacioso	Empreendedor	Rigoroso	
Confiante	Excitável	Robusto	
Constante	Firme	Insensível	
Courajoso	Forte	Severo	
Cruel	Grosseiro	Arrogante	

Fonte: Williams e Bennett (1975).

Quadro 2 – Estereótipos para as mulheres.

Afetuosa	Doce	Chorona	
Atenciosa	Elogiosa	Preocupada	
Atraente	Emocional	Prudente	
Caprichosa	Empolgada	Sonhadora	
Encantadora	Fraca	Sentimental	
Sedutora	Feminina	Sensível	
Complacente	Fútil	Sofisticada	
Coração mole	humilde	Submissa	
Delicada	Nervosa	Volúvel	
Dependente	Perseverante	Inconstante	

Fonte: Williams e Bennett (1975)

Essa mesma estruturação estereotipada é descrita, sempre através de adjetivos atributivos, em um artigo posterior, que procura estabelecer uma visão global do fenômeno, uma vez que se trata de *estereótipos pan-culturais de gênero*. A tabela, que não diz mais respeito a um único país, como anteriormente, mas a vinte e cinco, revela estereótipos relativamente semelhantes. Eis o documento extraído do artigo de Williams, Satterwhite e Best (1999):

Tabela 1 - Estereótipos Panculturais de Gênero: Amostras de Itens Altamente Estereotípicos.*

Estereótipos Masculinos			Estereótipos femininos		
Item Nº	Adjetivo	M%	Item Nº	Adjetivo	M%
2	Ativo	81	5	Afetada	20
4	Aventureiros	93	6	Afetuada	10
7	Agressivo	88	11	Ansiosa	23
10	Ambicioso	82	18	Atraente	14
19	Autocrático	86	30	Encantadora	19
35	Grosseiro	91	38	Reclamona	21
50	Corajoso	86	53	Curiosa	24
52	Cruel	79	61	Dependente	19
53	Ousado	86	71	Sonhadora	17
70	Dominante	87	77	Emocional	12
78	Enérgico	82	83	Temerosa	17
79	Empreendedor	81	86	Feminina	8
90	Vigoroso	93	98	Exigente	24
122	Independente	84	149	Dócil	25
136	Inventivo	81	151	Suave	22
143	Lógico	79	220	Sensível	14
147	Masculino	96	224	Sedutora	14
186	Progressivo	78	230	Envergonhada	25
209	Robusto	85	240	Coração mole	19
210	Rude	83	253	Submissa	16
213	Autoconfiante	79	256	Supersticiosa	13
248	Rígido	84	261	Faladora	22
251	Forte	92	268	Tímida	25
271	Difícil	91	293	Fraca	17
279	Não emocional	82	294	Chorona	23

*M% = pontuação média M% (ver artigo original com explicação da pontuação média M%).

Fonte: Williams, Satterwhite e Best (1999).

Pode-se constatar que os estereótipos de gênero são bastante similares aos apresentados 24 anos atrás. Em outras palavras, isso significaria que os papéis masculino e feminino mudam lentamente com o tempo. Entretanto, quando observamos as mudanças nas aparências de vestuário, por exemplo, ou de penteados, vemos mudanças significativas entre 1970 e hoje, tanto no Ocidente quanto no Oriente. Para o Ocidente, onde a feminilidade estava associada ao cabelo curto e a uma aparência andrógina, hoje ela está mais associada ao cabelo longo e a formas sugestivas. Para a masculinidade é igual, se o cabelo longo era uma prerrogativa das estrelas do rock dos anos 70, hoje, ao contrário, o cabelo curto domina com uma leve barba.

A mesma análise poderia ser realizada para o Oriente Médio e o Oriente, mas com outras declinações baseadas mais em crenças religiosas ou mudanças sociopolíticas. Os estereótipos seriam, portanto, transitórios e modificáveis.

Fizemos um estudo com 850 alunos de mestrado, 1 destinado a todas as profissões da educação secundária e de gestão (62% mulheres e 38% homens: a educação secundária conta cada vez com mais mulheres). Foi solicitado o apontamento das 5 qualificações que melhor correspondiam a uma menina ou a um menino do 6º ano do ensino fundamental (esse nível foi escolhido porque o componente de gênero é menos aparente). Entre as 15 qualificações que foram citadas com mais frequência, destacam-se as seguintes:

Quadro 3 - As qualificações citadas no estudo

Meninas	Meninos
Aplicadas	Agitados
Faladoras	Bagunceiros
Emotivas	Esportistas
Em pares	Não escolares
"Vítimas da moda"	Diretos
Fazem movimentos suaves	Em grupos
Literárias	Testam os limites
Maduras	Jogos de vídeos
"insuportáveis"	Científicos
Tagarelas	Provocadores
Próprias	Sujos
Sábias	Conflituosos
Escolares	Barulhentos
Estudiosas	Imaturos
Sérias	Competitivos

Fonte: Elaborado pelo autor

Pode-se afirmar, de maneira sintética, que geralmente as meninas se situam no "cuidado", preocupando-se com os outros, e os meninos mais no agir. As meninas são geralmente descritas como escolares e os meninos como não escolares. A posição estereotipada do *cuidado* se reflete hoje no fato de que as profissões ligadas ao cuidado (incluindo estudos médicos, onde 56,3% dos estudantes são meninas) e à educação, e até mesmo à assistência jurídica (na advocacia e no direito, 65% dos profissionais são

mulheres) são geralmente de predominância feminina, e as profissões tecnológicas e industriais são geralmente de preponderância masculina. Em qualquer caso, resta saber se a educação dos pais e, sobretudo, do nosso ponto de vista, se a educação escolar diminui ou aumenta os estereótipos de gênero, se ela é, ou não, um dos seus vetores.

3 Igualdade e diferença: a necessidade de uma distinção teórica

A igualdade é um dos princípios fundadores da República Francesa. *Liberdade, Igualdade, Fraternidade* aparecem na frente das prefeituras que, aliás, separavam muitas vezes, no início do século, uma escola para meninos e meninas, em aldeias ou vilarejos muito pequenos. O conceito de igualdade, todavia, em si não significa nada. Refere-se geralmente à igualdade em direitos, deveres e dignidade ("os homens nascem e permanecem livres e iguais perante a lei"). Mas no que diz respeito às escolas e a várias outras estruturas, a igualdade de tratamento deve ser acrescentada. Meninos e meninas são tratados da mesma forma em sua educação, em geral, e na escola, em particular? Isto está longe de ser óbvio, como mostramos em outras ocasiões (GLEYSE, 2004; 2008; 2020a; 2020b).

Em outro nível, deve ficar claro que a igualdade se opõe à desigualdade e não, de acordo com um erro frequentemente cometido sobre esse assunto, à diferença. Podemos ser diferentes e iguais em termos de tratamento, direitos, deveres e dignidade.

A diferença se opõe à uniformidade ou semelhança, não à igualdade. No entanto, a questão que se impõe ao sistema escolar há algum tempo, desde que as primeiras ações oficiais começaram por volta do ano 2000, na França, é a do tratamento desigual dos alunos em um contexto de coeducação relativamente geral.

Os estereótipos de gênero, assim como certos currículos ocultos transmitidos nas escolas, podem estar na raiz de tratamentos desiguais, mas também, como consequência, de desigualdades nos direitos, deveres e dignidade de meninas e meninos. Mesmo em

áreas como a punição ou a interação, que serão discutidas mais posteriormente, meninas e meninos não são tratados igualmente.

4 A história da escola: meninas há muito tempo ausentes da educação secundária

Não é possível, no espaço de um artigo, desenvolver longamente essa questão, mas convém constatar que as meninas - nas palavras de Antoine Prost - há muito foram educadas "no colo da igreja" (PROST, 1992), sendo discriminadas na sua aprendizagem. E mesmo que os salões burgueses e aristocráticos em torno da Revolução Francesa associassem intelectuais como Olympe de Gouge, Anne-Catherine Helvétius e Sophie de Grouchy com Voltaire ou Condorcet, os colégios e depois os liceus eram reservados aos meninos. Foi somente em 1882, graças às leis Jules Ferry e Camille Sée, que a escola primária se tornou secular, mista e obrigatória para ambos os sexos. Em 1888, porém, Jules Simon, Ministro de Instrução Pública, Belas Artes e Assuntos Religiosos, considerou que "somente a mente de um homem maduro pode estudar química prática" (SIMON *apud* PROST, 1992, p. 45).

Na realidade, as turmas de vários níveis de escolaridade, para o ensino primário, em aldeias ou vilas muito pequenas onde apenas um professor é nomeado, são mistas por obrigação (conhecemos o exemplo, datado de 1938, da classe de Rogues, descrita por Adrienne Durand-Tullou, em: *Le Pays des asphodèles* ou as aulas de Célestin Freinet em Bar-sur-Loup, de 1928). Na mesma lógica, os Cursos Complementares para o ensino primário, que geralmente reúnem os melhores alunos de uma escola para meninas e de uma escola para meninos, são mistos.

No ensino secundário e nas Escolas Primárias Superiores e Escolas Normais de Professores, entretanto, a situação é bem diferente. Há liceus para meninas, geralmente literários, e liceus para meninos, geralmente científicos, que são hermeticamente fechados para o outro sexo, e o próprio bacharelado é diferente para os dois sexos até 1924. Os currículos para meninas e meninos não foram idênticos ao longo do início do século XX.

Sob restrições econômicas, a geminação começou a emergir a partir de 1957 (meninos literários frequentavam escolas secundárias femininas e meninas científicas frequentavam escolas secundárias masculinas). Em 1959, a coeducação tornou-se legal nos liceus e o mesmo aconteceu com os colégios após a reforma Fouchet-Capelle em 1963. Finalmente, como vimos, foram os decretos de implementação da lei Haby que introduziram a coeducação obrigatória. No entanto, ainda hoje, nos liceus profissionais ou técnicos, muitas especialidades ainda não são mistas por causa das opções tomadas pelos alunos. Portanto, a coeducação só existe realmente há cerca de quarenta anos no sistema secundário francês (uma disciplina como a Educação Física resistiu a ela até os anos 90). Mas será que coeducação significa igualdade de tratamento para meninas e meninos e igualdade em termos de direitos, deveres e dignidade?

Atualmente, as meninas se saem muito melhor na escola em quase todas as disciplinas, mas 70% delas obtêm um bacharelado literário e 60% dos meninos obtêm um bacharelado científico ou técnico. Nas aulas preparatórias, 74% das meninas estão inscritas nas disciplinas literárias e apenas 30% nas disciplinas científicas. Oito em cada dez rapazes escolhem uma carreira científica quando se consideram muito bons em matemática. Na mesma situação, apenas seis em cada dez meninas fazem essa escolha. Convém, pois, interrogarmo-nos também sobre os determinantes, talvez escolares, dessas escolhas.

Desde 2000, duas convenções interministeriais para a igualdade entre meninas e meninos, mulheres e homens no sistema educacional tentaram implementar uma política de igualdade comum a vários ministérios. Em 2013, foram implementadas as chamadas *ABCD da igualdade*, que são simplesmente fichas de sequências escolares realizadas por professores ou professores-pesquisadores com o objetivo de restaurar a igualdade de tratamento entre meninas e meninos na escola. Finalmente, o Código da Educação afirma: "As escolas, colégios e liceus (...) devem contribuir para promover a coeducação e a igualdade entre homens e mulheres, particularmente na área da orientação profissional. Eles [escolas, colégios e liceus] asseguram uma formação no conhecimento e respeito

dos direitos humanos, bem como na compreensão de situações concretas que lhes são prejudiciais".

Este artigo, o 121-1 do Código da Educação, reproduz o artigo 5 da Lei de Orientação e Programa para o Futuro da Escola, de 23 de abril de 2005.

5 Os currículos ocultos sobre gênero: uma descoberta do final do século XX

No ambiente feminista que segue e precede os acontecimentos de 1968, a obra de Elena Gianini Belotti, *Du côté des petites filles* (1973) – que, de certa forma, embora sem pertencer à mesma corrente feminista, estende o trabalho de Simone de Beauvoir em *Le Deuxième Sexe* (1949), mas limitando-o à educação familiar – age como uma bomba em um mundo onde a naturalização do gênero continua sendo um fato maciçamente compartilhado. A etnóloga de famílias italianas mostra que uma menina não é tratada da mesma forma que um menino assim que sai do útero. Ela revela, igualmente, que esses comportamentos repetidos criam uma "mulher fraca" e um menino "forte".

Todas as ações, gestos, palavras e técnicas utilizadas mostram que a cultura familiar trata meninas e meninos de maneira muito diferente. Isso sugere que o tratamento diferenciado não se baseia de forma alguma em fundamentos naturais, mas em bases culturais de uma sociedade patriarcal. Esses tratamentos poderiam ser considerados atualmente como "currículos ocultos", na medida em que nunca são explicitados e explícitos. Em qualquer caso, a obra de Belotti permite tanto começar a refletir sobre a ideia de gênero, quanto dissociá-lo do sexo no processo educacional, apesar de as palavras não serem tão explícitas.

A partir nos anos 1970, a revista *Feminist studies* (criada justamente em 1970) apontava claramente a desigualdade de representação existente nos manuais escolares de leitura e até mesmo de Ciência, História e Geografia. Como regra geral, os homens são sempre apresentados de uma maneira dominante e as mulheres de uma forma dominada. Elas são frequentemente designadas para tarefas domésticas e os homens para os

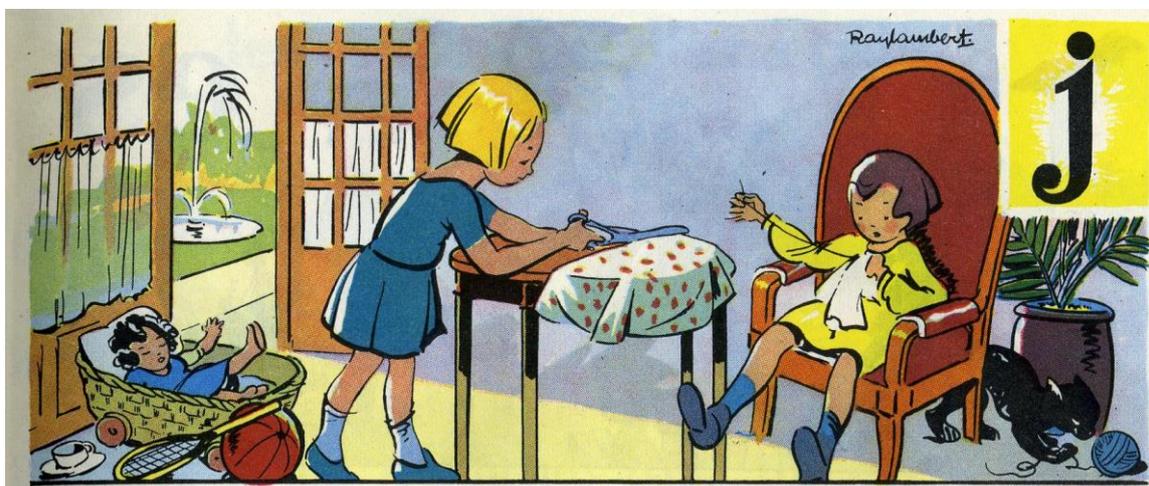


chamados trabalhos "nobres". São igualmente descritos padrões comportamentais que mostram meninos ativos e as meninas muitas vezes passivas, mas também confinadas ao uso de bonecas, limpeza, engomagem, etc. (GLEYSE, 2020a; 2020b). Outros trabalhos, nessa perspectiva (BOURDIEU, 1999), mostram que as expectativas dos pais são muito diferentes conforme os gêneros dos filhos. Alguns estudos apontaram, ademais, que os pais à espera do primeiro filho, na maioria dos casos, desejam um menino.

Ainda há mais. Ao estudar os manuais escolares de História, constata-se que somente os homens têm um lugar central neles, desaparecendo as mulheres em grande parte do processo histórico, com algumas notáveis exceções, como Joana d'Arc, Eleanor da Aquitânia, Catherine de Medici, Louise Michel e, mais recentemente, Marie Curie. O papel da mulher é frequentemente descoberto quando ela "substitui" os homens nas fábricas (as mulheres trabalham na indústria têxtil há muito tempo e até mesmo nas minas) durante a guerra de 1914-1918, por exemplo.

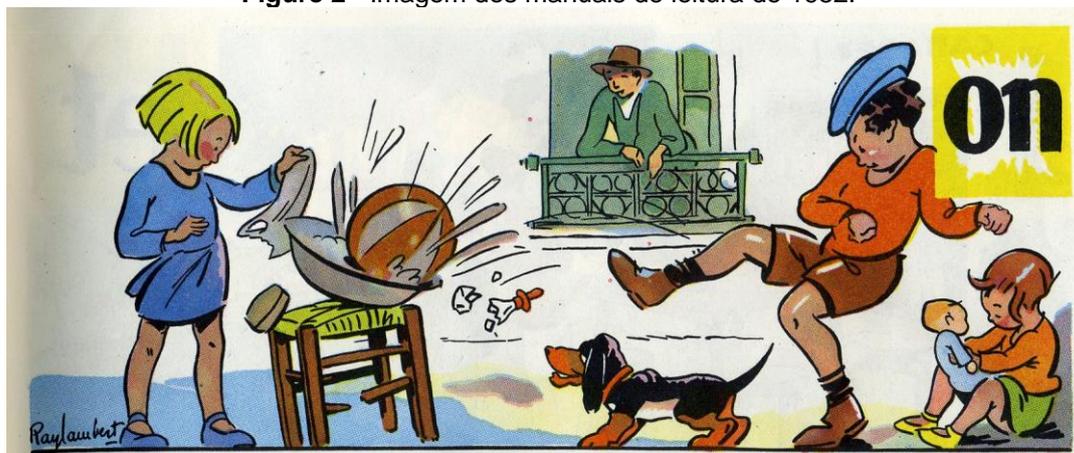
Veremos a seguir um exemplo de dois manuais escolares de leitura dos anos 50 que permitem identificar claramente o currículo oculto em ação.

Figure 1 - Imagem dos manuais de leitura de 1952.



Fonte: Manuais de leitura (1952).

Figure 2 - Imagem dos manuais de leitura de 1952.



Fonte: Manuais de leitura (1952).

Nesse sentido, começaremos a entender, que na França, a coeducação não é igualdade. O *Journal of Gender Studies*, criado em 1991, evidenciou elementos mais tênues e discretos nos processos educacionais que conduzem a um tratamento desigual de meninas e meninos.

Há alguns anos, um estudo minucioso (DORIGNY, 2009) dos *softwares* educacionais presentes no centro de documentação do antigo Instituto Universitário de Formação de Professores de Montpellier mostrou a presença de inúmeros estereótipos de gênero nesses *softwares*. De 13 deles, 11 tinham por herói um menino; 1 um robô e 1 uma menina, mas muitos outros tratamentos desiguais de meninos e meninas foram identificados na escola e no ensino ao longo do tempo.

No final dos anos 80, Nicole Mosconi, recentemente falecida, publicou um livro intitulado *La Mixité dans l'enseignement secondaire : un faux-semblant* (1989). Nele, ela mostrou que a educação secundária se baseia nos fundamentos de um "masculino-neutro". Em outras palavras, não obstante a coeducação forneça a aparência de igualdade ou pelo menos de neutralidade, meninos ou homens dominam o espaço escolar de diversas formas. Os estudantes do sexo masculino interagem mais com os professores e são mais frequentemente solicitados por eles. Ocupam e dominam o espaço escolar em termos de palavra e espaço. Falam com mais frequência sem serem demandados. A tal

ponto que Mosconi poderá descrever uma “lei de 2/3, 1/3”: em uma turma paritária, seja uma mulher ou um homem ensinando, os meninos têm 2/3 da interação e as meninas apenas 1/3. Entretanto, quando mais tarde entrarmos nos detalhes das interações, poderemos ver, a partir deste trabalho inicial de Nicole Mosconi, que outros currículos ocultos são implementados por professores sem seu conhecimento ou de forma relativamente inconsciente.

6 A multiplicação das produções acadêmicas sobre o assunto

Os trabalhos subseqüentes de Nicole Mosconi (2009), mas também de outros pesquisadores, como Marie Duru-Bellat (2004; 2005); Thierry Terret, Geneviève Cogerino e Isabelle Rogowki (2006) (sobre a disciplina de Educação Física escolar); Isabelle Plante (2010) (sobre estereótipos relativos ao ensino da matemática e francês); Julie Thomas (2010; 2013; 2018) (sobre atividade física na formação profissional); Stéphanie Rubi (2009), Corinne De Boissieu (2009), Cendrine Marro e Isabelle Collet (2009), na revista *Recherches & Educations*. Todos eles revelam a fecundidade das pesquisas sobre gênero e educação.

Além deles, faz-mister ressaltar o relatório da Comissão Geral de Estratégia e Previsão, publicado em janeiro de 2014, no qual escrevem Marie-Cécile Naves, Vanessa Wisnia-Weill, Marine Boisson-Cohen, Frédéric Lainé, Sylvie Octobre, Mathilde Reynaudi, Sarah Sauneron, Mona Zegai; os recentes estudos de Karine Isabelle (2010) (sobre a educação infantil); as investigações de Séverine Depoilly (2014), Gaïd Le Maner-Idrissi, Laëtitia Renault (2006); Annette Jarlegan (2009); Paul Fontayne (2002); Eveline Daréoux (2007) e de Amélie Seidah (2004). Esse conjunto de obras mostra, de maneira clara, precisa e, sobretudo, objetiva como vários currículos ocultos são implementados do jardim de infância inicial em diante, condicionando o comportamento diferenciado de alunos do sexo masculino e feminino. Evelyne Daréoux fala, aliás, da "fabricação de estudantes meninas e de estudantes meninos", tal como Corinne de Boissieux.



Por exemplo, entre muitos outros currículos ocultos e para não cansar o leitor, pode-se constatar que em uma aula de matemática o professor faz perguntas mais complexas aos meninos do que às meninas (LEGRAND, 2016). Apela à memória das meninas e à compreensão dos meninos. Estatisticamente, ele deixa mais tempo para que os meninos respondam do que as meninas. De modo mais geral, as professoras fazem observações mais disciplinares, mas também cognitivas para os meninos do que para as meninas.

Os professores de Educação Física que, em suas aulas de vôlei, organizam grupos por nível, geralmente formam um grupo forte composto principalmente de meninos e um fraco composto principalmente de meninas, mas é especialmente interessante estudar o grupo médio, mais frequentemente paritário. Nessa situação, os professores fazem mais comentários sobre recepção, condução e passe para as meninas e mais comentários sobre ataque e contra-ataque aos meninos (TERRET; COGERINO; ROGOWSKI, 2006).

Em todas as disciplinas escolares, quando os professores são solicitados a estabelecer relações de igualdade com os gêneros, descobrem que interagem mais com meninos do que com meninas. E nessa ambiência, se você perguntar aos estudantes como eles se sentem, os rapazes queixam-se de serem negligenciados ou deixados de lado (DUTEIL-DEYRIES, 2020).

Ainda é possível descrever o fato de que os professores das escolas (GLEYSE, 2020) acreditam que, na faixa etária entre 5 e 8 anos de idade, os meninos são superiores em matemática e as meninas em literatura (o que é verdade para estas últimas), enquanto que na realidade, nesta idade, os estudos não mostram nenhuma diferença no desempenho matemático de meninas e meninos. Essa diferença só se torna aparente mais tarde. Acredita-se, portanto, que a crença dos professores atua como uma profecia autorrealizada. (ROSENTHAL; JACOBSON, 1966).

De fato, os exemplos poderiam ser multiplicados ao infinito, desde o uso de espaços para jogos e brincadeiras na educação infantil (não raro fortemente

estereotipados), até as ações de professores em todos os níveis de ensino destinadas a valorizar meninos e desvalorizar meninas, ou pelo menos a induzir certos tipos de comportamento segundo o gênero.

Mesmo com relação às punições, Sylvie Ayrat (2011) mostrou muito bem, assim como Sophie Duteil-Deyries (2014; 2020), que as crianças não são punidas da mesma maneira nem pelos mesmos tipos de falhas. Uma menina é frequentemente castigada mais severamente do que um menino sob as mesmas condições. Além disso, os professores não punem, de modo algum, igualmente. Consoante o estudo realizado por Sophie Duteil, quando os docentes declaram ser igualitários em suas punições, assim que pedidos para verificar objetivamente se o foram efetivamente, eles descobrem, durante um período de duas semanas, que absolutamente não o foram. Os arquivos de uma escola mostram um número superior de notificações dos meninos nos registros de estudantes que tiveram alguma sanção.

Em suma, estão sendo implementados múltiplos currículos ocultos que visam fabricar uma estudante do sexo feminino e um estudante do sexo masculino, mas não para estabelecer a igualdade de tratamento entre eles na escola. Isto, naturalmente, tem consequências importantes em termos de profissionalização na idade adulta.

7 Conclusão

Aumentar os graus de liberdade de meninas e meninos na escola para fornecer melhores ferramentas de análise aos atores dessa instituição: este é o objetivo dos trabalhos sobre igualdade de gênero na educação e, especificamente, sobre o currículo oculto e estereótipos de gênero nas escolas. Trata-se de abrir o campo de possibilidades para cada estudante, permitindo-lhe não se contentar com uma posição atribuída pela história, a memória, as tradições, a sociedade e a cultura em geral.

A investigação, que está sendo realizada agora de forma relativamente sistemática sobre essas questões, está revelando cada vez mais práticas quase invisíveis,



discretas, ocultas ou pelo menos difíceis de perceber para os não iniciados, e que são implementadas, entre outros, por professores e gestores, levando a um tratamento desigual de estudantes meninas e meninos.

Conforme as pesquisas, esse processo é iniciado na família. Todavia, desde a educação infantil e, portanto, a partir do desenvolvimento da identidade de gênero, a escola não forma mais um *indivíduo estudante* ou uma *pessoa estudante*, mas sim um *garoto que é aluno* e uma *garota que é aluna*. Mais claramente, a instituição forma um *estudante macho* que é portador de estereótipos masculinos e uma *estudante fêmea* portadora de estereótipos femininos.

Os estereótipos são geralmente herdados de um passado patriarcal e conduzem a desigualdades nos direitos, deveres e dignidade de meninas e meninos na escola. Tal processo desigual cria, então, situações de discriminação e, sobretudo, dificuldades de acesso a um certo número de áreas para as mulheres. E, inversamente, dificuldades na aceitação de certas profissões serem exercidas por homens, mas também comportamentos violentos e/ou perigosos. O campo de possibilidades é limitado e restrito pelos penosos condicionamentos escolares imputados às crianças. Eles são, em partes, provavelmente responsáveis por um certo número de comportamentos e tratamentos degradantes direcionados às mulheres e por determinadas posições machistas assumidas pelos homens.

O conhecimento, pelos docentes e pela escola, desses estereótipos e currículos ocultos, conduz à implementação de programas de pesquisa que resultam, frequentemente, em novos cursos de formação para docentes, técnicos e gestores. Seus frutos, provavelmente, aparecerão a médio prazo.

8 Referências

AYRAL, Sylvie. *La fabrique des garçons: sanctions et genre au collège*. Paris: Presses Universitaires de France, 2011.

BELLOTTI, Elena Gianini. *Du côté des petites filles*. Paris: Edition des femmes, 1974.

BEM, Sandra, The measurement of psychological androgyny. *Journal of consulting and Clinical Psychology*. v 42, 2, 155-162, 1974.

BOURDIEU, Pierre. *La Domination masculine*. Paris: Liber, 1999.

BUSCATTO, Marie et MARRY Catherine. Le plafond de verre dans tous ses éclats. La féminisation des professions supérieures au xx^e siècle, *Sociologie du travail*, v 51, 2, 170-182, 2004.

CAMPOMAR, G. del C.; ZIMMERMAN, M. A.; FULUGONIO, J.; AÑASCO, A. "Vos no... en esa posición, sí o sí, un hombre": representaciones acerca del género e intervención docente en la formación. *Educ. Form.*, v. 5, n. 2, p. 17-35, 2020. DOI: 10.25053/redufor.v5i14mai/ago.2335. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/2335>. Acesso em: 04 fev. 2021.

DAREOUX, Evelyne. Les stéréotypes de genre omniprésents dans l'éducation des enfants. *Empan*, v. 65, n.1, p. 89-95, 2007.

BOISSIEU, Corinne de. Sexes et genres à l'école maternelle. Un essai de modélisation du concept de « genre scolaire. *Recherches & Education*, 2, p. 23-43, 2009.

DEPOILLY, Séverine, *Filles et garçons au lycée pro. Rapport à l'école et rapport de genre*. Rennes : PUR, 2014.

DORIGNY, Alexandra *Les logiciels éducatifs et les stéréotypes de genre*. Mémoire Master Sciences de l'Education, Faculté d'Education: Montpellier, 2009.

DURU-BELLAT, Marie. *L'Ecole des filles: Quelle formation pour quels rôles sociaux ?* Paris: L'harmattan, 2004.

DUTEIL-DEYRIES, S. *Les filles sont des pipelettes les garçons des bagarreurs*. Une étude des stéréotypes de genre concernant les punitions et les sanctions dans un établissement scolaire. Mémoire de master 2, Montpellier : ESPE, 2013.

DUTEIL-DEYRIES, S. *Transgression scolaire au prisme du genre. De l'invisibilité des filles à la survisibilité des garçons*. Paris: L'Harmattan, 2020.

FONTAYNE, Paul; SARRAZIN, Philippe; FAMOSE Jean-Pierre. Effet du genre sur le choix et le rejet des activités physiques et sportives en éducation physique et sportive: une

approche additive et différentielle du modèle de l'androgynie. *Movement and Sport Sciences*, n. 45, p. 45-66, 2002.

GLEYSE, Jacques *Le Genre de l'école en France. De la mixité à l'inégalité occultée. Expérimentations et propositions de transformations*. Paris : L'Harmattan, 2020, (1^{ère} Ed. Connaissances et Savoirs, 2017).

GLEYSE Jacques; GARCIA Céline; CANAL Jean-Luc. Image of women in Literature on Physical Education and Sport: Representations of Social Transformation in France under the Thrid Republic, 1870-1939. *Sport, Education and Society*, v. 9, n. 3, p. 363-381, 2004.

GLEYSE, Jacques; SOARES, Carmen Lúcia. Os manuais escolares franceses de Educação Física, de Hygiene e de Moral entre 1880-2004 seriam sexistas? *Educação & sociedade*, v. 28, n.102, jan-abr, p.137-159, 2008.

GLEYSE, Jacques. *O verbo e a carne: uma arqueologia do corpo nos manuais escolares franceses de moral e de higiene (1880-1974)*. Trad. De Avelino Aldo de Lima Neto, Bruno Medeiros Roldão de Araújo e Cláudia Emília Aguiar Moraes. São Paulo: LiberArs, 2020.

ISABELLE, Karine. Pourquoi la mixité dans les classes ne provoque-t-elle pas spontanément l'égalité de traitement entre les filles et les garçons? *Tréma*, 32, p. 49-67, 2010.

JARLEGAN, Annette. Genre et éducation. De l'intérêt de la prise en compte du genre en éducation. *Recherches & Education*, 2, p. 11-21, 2009.

LEGRAND, Charline *Les Stéréotypes de genre en Mathématiques et leur influence sur les résultats, la motivation et le cheminement scolaire des élèves*. Mémoire M2, ESPE: Angers, 2016.

LE MANER IDRISSE, Gaïd; RENAULT, Laëtitia. Développement du schéma de genre: une asymétrie entre filles et garçons. *Enfance*, v. 58, n. 3, p. 251-265, 2006.

MARRO, Cendrine; COLLET, Isabelle. Les relations entre les filles et les garçons en classe. Qu'en disent-elles ? Qu'en disent-ils? *Recherches & Education*, 2, p. 45-71, 2009.

MOSCONI, Nicole. *La Mixité dans l'enseignement secondaire: un faux-semblant*, Paris : PUF, 1989.

PLANTE, Isabelle. Adaptation et validation d'instrument de mesure des stéréotypes de genre en mathématiques et en français. *Mesure et évaluation en éducation*, v. 33, n. 2, p. 1-34, 2010.

COLLECTIF. *Rapport du Commissariat Général à la stratégie et à la prospective*. Paris, Gouv, 2014.

PROST, Antoine. *Histoire de l'enseignement en France*. 1800-1967. Paris: PUF, 1968.

PROST, Antoine, *Éducation, société et politiques: une histoire des enseignements en France de 1945 à nos jours*, Paris : Seuil, 1992.

RODRIGUEZ, Norma Beatriz, Notas problematizar la ética de sí en la educación del cuerpo: la clase de educación física como territorio de dispute de género. *Educação & Formação*, v5 n2, 2020.

ROSENTHAL, Robert; JACOBSON, Lenore. *Pygmalion in the classroom*, New-York: Holt, Rinehart & Winston, 1966.

RUBI, Stéphanie., Contextualisation des différences sexuées et genrées du sentiment de violence déclaré par des élèves scolarisés populaires. *Recherches & Education*, 2, p. 93-119, 2009.

SEIDAH, Amélie. Perception de soi à l'adolescence : différences entre filles et garçons. *Enfance*, v. 56, n. 4, p. 405-420, 2004.

SOUZA RIOS, Pedro Paulo, DE MELO CARDOSO, Helma & FERREIRA DIAS Alfrancio Concepções de gênero e sexualidade d@s docentes do curso de licenciatura em pedagogia: por um currículo Queer, *Educação & Formação* v.3 n.2, 2018.

TERRET, Thierry, COGERINO, Geneviève; RIGOWSKI, Isabelle. *Pratique et représentations de la mixité en EPS*. Paris: EPS, 2006.

THOMAS, Julie. Diferenças e (des)igualdades: atitudes de professoras face à diversidade de gênero nos liceus profissionais "masculinos" na França. *Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades*, v. 12, n. 19, 24 dez. 2018.

THOMAS, Julie, Le corps des filles à l'épreuve des filières scolaires masculines. Le rôle des socialisations primaires et des contextes scolaires dans la manière de faire le genre, *Sociétés contemporaines*, v.2 n.90, Paris, 2013.

THOMAS, Julie, *Etre une fille et s'engager dans une filière scolaire de garçons: la place des activités physiques et sportives dans la construction de l'atypicité scolaire*. Thèse, Paris 11, dir. C. Louveau, 2010.

WILLIAMS, J.E., BENNETT, S. M. The définition of Sex Stereotypes via the Adjective Check list, *Sex Roles*, v. 4, n. 1, p. 327-337, 1975.

WILLIAMS, John. E., SATTERWHITE Robert. C. & BEST, Deborah. L. Pancultural Gender Stereotypes Revisited: The Five Factor Model, *Sex Roles*, v.40, p. 513-525, 1999.

Jacques Gleyse, University of Montpellier

 <https://orcid.org/0000-0002-8459-5958>

Doutor em Ciências da Educação - Universidade de Paris X, Nanterre. Professor Universitário do IUFM de Montpellier, Universidade de Montpellier 2 (Montpellier - Hérault - França).

Contribuição dos autores: Autoria completa do artigo.

E-mail: jacques.gleyse@orange.fr

Editor responsável: Lia Machado Fiuza Fialho

Pareceristas ad hoc: Inmaculada Díaz and Celia Pérez

Como citar este artigo (ABNT):

GLEYSE, Jacques. Gender stereotypes and hidden education programs in education in France. A literature review on hidden inequalities. *Educ. Form.*, Fortaleza, v. 6, n. 2, e4625, 2021. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/4625>



Recebido em 16 de Janeiro de 2021.

Aceito em 18 de February de 2021.

Publicada em 2 de Abril de 2021.

